



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Campus Ipojuca

Coordenação de Licenciatura em Química

Curso de Licenciatura em Química

CLEYTON ROBERTO DA SILVA

PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE *BULLYING* NO ENSINO SUPERIOR

Ipojuca

2023

CLEYTON ROBERTO DA SILVA

PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE *BULLYING* NO ENSINO SUPERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia de Pernambuco, *Campus Ipojuca*, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Química.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Soraia Silva Cruz

Ipojuca

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do IFPE – Campus Ipojuca

S586p Silva, Cleyton Roberto da

Percepção docente sobre *bullying* no ensino superior /
Cleyton Roberto da Silva. -- Ipojuca, 2023.
49 f.: il.-

Trabalho de conclusão (Licenciatura em Química) – Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.
Campus Ipojuca, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Maria Soraia Silva Cruz

1. *Bullying* verbal. 2. Desempenho acadêmico. 3. Estratégias de
enfrentamento. I. Título II. Cruz, Maria Soraia Silva (orientadora).

CDD 370.7

CLEYTON ROBERTO DA SILVA

PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE *BULLYING* NO ENSINO SUPERIOR

Aprovado em: 13/07/2023.

Prof^a. Dra. Maria Soraia Silva Cruz (Presidente-Orientadora)
Instituto Federal de Pernambuco

Prof. Me. Leandro Paulo dos Santos (Membro Externo)
Instituto Federal de Pernambuco

Prof^a. Ma. Maristela Maria Andrade da Silva (Membro Interno)
Instituto Federal de Pernambuco

Ipojuca

2023

Dedico este trabalho aos meus pais, Claudio Roberto e Maurice Barbosa, que me apoiaram desde o início da minha jornada e nunca deixaram que eu desistisse, mesmo nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora por ter me dado forças e condições para que eu pudesse chegar até o fim.

A minha família por todo o apoio e suporte.

A minha orientadora, profa. Dra. Maria Soraia Silva Cruz, por todo o apoio, suporte, assistência, confiança e principalmente paciência.

Aos meus amigos do curso, principalmente: Rafael, Gisele, Angelytha, Crisley, Elionay, Jeane, Elenice e Raquely por estiveram comigo nessa jornada que não foi nada fácil.

A Luciene, Belle e Adja que foram as melhores coordenadoras que eu poderia ter, sou muito grato por ter feito parte da família NAC.

Aos amigos que ganhei através do NAC: Elaine, Mariana, Jennifer, Vitória, João, Loyrrane, Laysa e Andreza.

A Simone de Melo e Maristela Andrade que foram as melhores professoras, muito obrigado por ter estado presente em minha trajetória acadêmica desde o início deste curso, e graças aos seus conselhos e orientações me tornei um cidadão diferente.

E por fim, a todos os meus professores que contribuíram diretamente e indiretamente para minha formação.

A vocês, meu muito obrigado!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

O *bullying* é caracterizado como uma forma de violência a um indivíduo mais fraco ou em desvantagem em relação ao agressor de forma repetitiva ou crônica. Muitos acreditam que esse fenômeno só ocorre em escolas de ensino fundamental e médio. Entretanto, verifica-se que essa prática também acontece no ensino superior. A prática violenta no contexto universitário pode até ser percebida como natural, tendo em vista ser um local que: a) abrange indivíduos com características comportamentais, culturais, econômicas, étnicas, físicas, psicológicas e sociais diversas; b) mantém uma cultura de pressões com prazos de entrega de trabalhos, falta de apoio geral (de orientadores, familiares, colegas, amigos), até mesmo falta de recursos financeiros para continuar os estudos. Pensando nisso, o objetivo do presente trabalho foi conhecer a percepção sobre *bullying* de professores de uma instituição pública de ensino superior multi *campi*. A pesquisa classifica-se como de natureza básica estratégica, com abordagem de análise de dados quanti-qualitativa e enfoque descritivo. Participaram desta pesquisa 34 docentes que atuam no ensino superior, sendo 73,5% do sexo masculino e 26,5% do sexo feminino. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário on-line, contendo perguntas abertas e fechadas. Para análise dos dados quantitativos foram utilizadas frequências absolutas e percentuais. A análise qualitativa foi realizada com base em análise de conteúdo. Como principais resultados quantitativos podem ser citados: i) o xingamento é o tipo de *bullying* verbal, praticado por estudantes, mais presenciado pelos professores, com 70,6%, seguido pelo recebimento de apelido pejorativo por estar acima do peso, com 67,6% e insultos por ser afeminado ou masculinizada, com 55,9%; ii) com relação ao *bullying* psicológico ou moral, praticado por estudantes, espalhar fofocas sobre outros estudantes foi o mais presenciado, com 76,5%, seguido por brincadeiras ofensivas com um estudante pelo seu jeito de falar, com 64,7%, exposição de colegas por seu desempenho acadêmico insatisfatório, com 63,5% e brincadeiras ofensivas com um estudante devido à sua orientação sexual, com 58,8%; iii) o tipo de *bullying* mais praticado por docentes, na percepção dos participantes, é a exposição de estudantes devido ao seu desempenho acadêmico, com 64,7%. Quanto aos resultados qualitativos, pode dizer que poucos dos docentes que presenciaram situações de *bullying* se sentiram impelidos a intervir (apenas oito de n=25); que reconheceram pouquíssimas atividades institucionais realizadas no *campus* em que atuam, pois apenas 10 (dez) dos 34 (trinta e quatro) docentes participantes mencionaram ter conhecimento de ações como palestras, exibição de filmes, rodas de conversa etc. envolvendo esta temática; e as estratégias de enfrentamento sugeridos foram ações direcionadas às vítimas e para a comunidade como um todo. Conclui-se que os professores precisam perceber a si mesmos como corresponsáveis da promoção de um ambiente sadio de aprendizagem. É preciso sensibilizá-los para que possam identificar e reprimir a prática do *bullying*, tornando o meio acadêmico um ambiente de cidadãos éticos, que prezem pela dignidade do próximo, com o objetivo de construir um mundo mais humano.

Palavras-chave: *Bullying* verbal. Desempenho acadêmico. Estratégias de enfrentamento.

ABSTRACT

Bullying is characterized as a form of violence to an individual who is weaker or at a disadvantage compared to the aggressor in a repetitive or chronic manner. Many believe that this phenomenon occurs only in elementary and high schools. However, it has been found that this practice also occurs in higher education. The violent practice in the university context may even be perceived as natural, considering that it is a place that: a) includes individuals with diverse behavioral, cultural, economic, ethnic, physical, psychological, and social characteristics; b) maintains a culture of pressure with deadlines, lack of general support (from advisors, family, colleagues, friends), even lack of financial resources to continue studies. With this in mind, the objective of the present work was to know the perception about bullying of teachers from a public multi-campus higher education institution. The research is classified as basic strategic in nature, with a quantitative-qualitative data analysis approach and a descriptive focus. Thirty-four professors who work in higher education participated in this research, 73.5% being male and 26.5% female. Data collection was carried out by means of an online questionnaire, containing open and closed questions. Absolute frequencies and percentages were used to analyze the quantitative data. The qualitative analysis was based on content analysis. As main quantitative results can be cited: (i) swearing is the type of verbal bullying, practiced by students, most witnessed by teachers, with 70.6%, followed by receiving a derogatory nickname for being overweight, with 67.6% and insults for being effeminate or masculinized, with 55.9%; ii) regarding psychological or moral bullying, practiced by students, spreading gossip about other students was the most witnessed, with 76.5%, followed by offensive jokes with a student for his way of speaking, with 64.7%, exposure of colleagues for their unsatisfactory academic performance, with 63.5%, and offensive jokes with a student because of his sexual orientation, with 58.8%; iii) the type of bullying most practiced by teachers, in the participants' perception, is the exposure of students due to their academic performance, with 64.7%. As for the qualitative results, it can be said that few of the professors who witnessed bullying situations felt impelled to intervene (only eight of n=25); who recognized very few institutional activities carried out on the *campus* where they work, as only 10 (ten) of the 34 (thirty-four) participating professors mentioned having knowledge of actions such as lectures, film screenings, conversation circles, etc. involving this theme; and the suggested coping strategies were actions directed at victims and the community as a whole. It is concluded that teachers need to perceive themselves as co-responsible for promoting a healthy learning environment. It is necessary to sensitize them so that they can identify and repress the practice of bullying, making the academic environment an environment of ethical citizens, who value the dignity of others, with the aim of building a more humane world.

Keywords: Verbal bullying. Academic performance. Coping strategies.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – *Bullying* verbal praticado contra estudante

Tabela 2 – *Bullying* material e físico praticado contra estudante

Tabela 3 – *Bullying* psicológico e moral praticado contra estudante

Tabela 4 – *Bullying* virtual praticado contra estudante

Tabela 5 – *Bullying* praticado por docente

Tabela 6 – Reações docentes diante de situações de *bullying* (n=25)

Tabela 7 – Ações de combate ao *bullying* no *campus* de atuação (n=10)

Tabela 8 – Sugestões de ações para o enfrentamento ao *bullying* (n=34)

LISTA DE ABREVIATURAS

IES	Instituição de Ensino Superior
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero
NAC	Núcleo de Arte e Cultura
NEGED	Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade
RMS	Região Metropolitana Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Tipos de <i>bullying</i> e atores envolvidos	15
2.2 O <i>Bullying</i> perante as Leis Brasileiras	17
2.3 <i>Bullying</i> no ensino superior.....	19
3 OBJETIVOS	23
3.1 Objetivo Geral.....	23
3.2 Objetivos Específicos.....	23
4 METODOLOGIA.....	24
4.1 Delineamento.....	24
4.2 Participantes	24
4.3 Procedimento.....	25
4.4 Instrumentos	25
5 RESULTADOS E ANÁLISE.....	26
5.1 Tipos de <i>bullying</i> praticados por estudantes.....	26
5.2 Tipos de <i>bullying</i> praticados por docentes.....	29
5.3 Papel docente em situações de <i>bullying</i>	30
5.4 Estratégias de enfrentamento ao <i>bullying</i> no <i>campus</i> de atuação.....	32
5.5 Sugestões de ações para o enfrentamento ao <i>bullying</i>	34
6 CONSIDERAÇÕES.....	37
REFERÊNCIAS	39
Apêndice A.....	44
Apêndice B.....	46

1 INTRODUÇÃO

O termo *bullying* é de origem inglesa e sem tradução no Brasil. É empregado para expressar comportamentos agressivos no ambiente escolar, praticados pelos educandos. É caracterizado por atos de violência causados de maneira intencional e repetitiva, contra um ou mais indivíduos, que se encontram impossibilitados de reagir às agressões sofridas, causando dor e angústia (Lopes, 2005; Montero-Carretero; Cervelló, 2020).

Bullying não deve ser confundido com brincadeira, pois enquanto no *bullying* a agressão verbal (ou física) se repete várias vezes e a vítima não aprova, na brincadeira a pessoa aceita (um apelido, por exemplo) e se diverte também. Além disso, esses comportamentos agressivos não apresentam motivações justificáveis. O que acontece é que os mais fortes utilizam os mais frágeis como objetos de diversão, prazer e poder, com a intenção de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (Silva, 2010).

Observa-se que a discussão e o combate à prática do *bullying* tem alcançado boa visibilidade, nas últimas décadas, para o público dos ensinos fundamental e médio (Guareschi, 2008; Silva, 2010). Ainda assim, é comum encontrar crianças e adolescentes que dificilmente irão relatar o sofrimento vivenciado na escola, com medo de represálias ou por vergonha (Silva, 2010).

No contexto universitário o *bullying* também ocorre, sendo o “trote universitário” um importante exemplo dessa prática. O contexto universitário é um ambiente muito propício a manutenção dessa prática, por pelo menos dois motivos: 1) por ser um local que abrange indivíduos com características comportamentais, culturais, econômicas, étnicas, físicas, psicológicas e sociais diversas (Ahmed; Braithwaite, 2012; Swearer, 2010); 2) por ter formas de pressão psicológicas tidas como normais, tais como os prazos de entrega de trabalhos, falta de apoio geral (de orientadores, familiares, colegas, amigos) e falta de dinheiro para continuar os estudos (Rocha, Costa, Passos Neto, 2013).

As formas de *bullying* mais praticadas no ambiente universitário são a agressão verbal (uso de apelidos e formas desafiadoras de se expressar como insultos e humilhação) e os desenhos ofensivos (Qamar; Khan; Kiani, 2015; Lima; Ríos; Martínez, Mackenzie, 2011; Trujillo; Romero-Acosta, 2016).

Ríos, Martínez e Mackenzie (2012) identificaram diferenças com relação à prática do *bullying* no ensino superior em função do sexo biológico: indivíduos do sexo feminino são as mais importantes agressoras nas modalidades ignorar (46,7%) e falar mal de outra pessoa (20%); e os do sexo masculino, em colocar apelidos (29,6%) e insultar (14,8%). Vale ressaltar, que os agressores, em sua maioria, pertencem ao sexo masculino (Gadelha *et al.*, 2019).

Em se tratando de *bullying* na escola, compete à direção acionar os pais, os Conselhos Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente; e em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a também fazer a ocorrência policial. E quando um professor identifica atos de *bullying* ou sinais/sintoma de *bullying* em algum estudante, o professor deve buscar ajuda, ou seja, comunicar à direção da escola para que as medidas cabíveis sejam tomadas (Silva, 2015).

Mas, quais devem ser as medidas nas instituições de ensino superior (IES) onde a maioria dos estudantes é maior de 18 anos? Será que tem havido ações de conscientização e combate ao *bullying* para os estudantes desse nível de ensino? Qual a percepção de professores de cursos superiores sobre *bullying*? Ao presenciarem situações características, como as enfrentam? Será que são orientados pela instituição para que saibam lidar com essas situações em seu ambiente de trabalho?

Considerando que as investigações em relação a esse fenômeno dentro do universo do ensino superior precisam ser aprofundadas (Lima, 2008; Macdonald; Roberts-Pittman, 2010; Silva; Morgado, 2011; Miranda, 2012; Garcia; Vecchiatti; Marta, 2013; Mateus; Pingoello, 2015; Gordon, 2016), propõe-se a realização desta pesquisa para conhecer a percepção de professores de IES sobre o *bullying* e sobre o seu papel como agente de identificação e intervenção no contexto universitário.

Com esse conhecimento, espera-se poder ampliar a visibilidade do *bullying* no contexto universitário, com vistas a uma maior conscientização da

comunidade acadêmica, para que estratégias de prevenção e combate ao *bullying* sejam mais frequentes e efetivas.

A presente pesquisa está organizada em blocos: fundamentação teórica, dividida em subtópicos sobre o tema abordado; objetivos gerais e específicos; método, onde estão descritos o delineamento da pesquisa, perfil dos participantes, instrumento para a construção dos dados, procedimentos e aspectos éticos. Os resultados com análise e discussão são apresentados na sequência. Por fim, seguem as considerações finais, incluindo as limitações do estudo e indicação de pesquisas futuras para dar continuidade aos estudos sobre a temática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Tipos de *bullying* e atores envolvidos

O *bullying* é considerado um fenômeno global, pois acontece em todas as instituições de ensino do mundo, independentemente da condição socioeconômica dos estudantes.

De acordo com Almeida, Silva e Campos (2008), a prática do *bullying* pode ser classificada como direta e indireta. A prática direta está relacionada aos atos de ameaçar, bater, implicar, roubar pertences, chamar apelidos pejorativos; e a prática indireta aos atos de espalhar boatos maldosos e isolar socialmente a vítima.

Já autores como Silva (2015), Monks e Coyne (2011) e Lopes Neto (2011) classificam prática de *bullying* como: verbal, física e material, psicológica e moral, virtual e sexual. A forma verbal está relacionada aos insultos, ofensas, deboches, usos de apelidos e piadas ofensivas, por exemplo. O *bullying* físico e material ocorre na forma agressões físicas (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, atirar objetos contra as vítimas) e danos (roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima). A prática do *bullying* nas formas psicológica e moral estão relacionadas aos atos de irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, difamar, perseguir, passar bilhetes, fazer fofocas, exclusão social, entre outros.

Já o *bullying* virtual ou *cyberbullying* é considerado um desdobramento do *bullying verbal*, onde o agressor aproveita a tecnologia para difamar, discriminar e zoar o alvo (Lopes Neto, 2011; Monks; Coyne, 2011; Fernandes, 2021). Com os avanços tecnológicos, os aparelhos de comunicação foram transformados em verdadeiras armas nas mãos dos agressores, difundindo de forma viral informações constrangedoras sobre as pessoas, com o intuito de constranger, humilhar e maltratar as vítimas (Silva, 2015). A forma sexual, também chamada de *sexting*, é uma variação do *bullying* virtual e ocorre por meio de abuso, violência, assédio, insinuações e simulações do ato. Segundo Silva (2015), “a prática consiste em compartilhar fotos, mensagens de texto e vídeos sensuais ou de cunho erótico sem a autorização da vítima (p.139)”. Pelo fato de não ter limite no espaço virtual, tanto *cyberbullying* quanto o *sexting* se

tornam mais perigosos, pois dificilmente se sabe quem é o agressor. As vítimas ficam ainda mais indefesas e desprotegidas.

Observa-se que a prática do *bullying* é bem diversa e que é algo, às vezes, difícil de perceber dada as sutilezas de algumas de suas formas, e acaba por ganhar proporções imensas, difíceis de serem controladas. Entretanto, alertas precisam ser feitos para mais pessoas estejam cientes sobre os limites entre o que é brincadeira e o que é *bullying*, pois há muitas pessoas que poderiam ajudar intervindo, denunciando ou defendendo a vítima. Para isso, é necessário que haja um trabalho de conscientização e sensibilização, pois aqueles que tão somente assistem à prática do *bullying* e não agem em favor da vítima não são apenas espectadores, mas testemunhas da violência.

Atores do *bullying*

Os atores envolvidos nas cenas de bullying são identificados como: agressores (ou *bully*), espectadores e vítimas.

Os agressores tem uma inclinação moral para o desrespeito e à maldade. Podem ser de ambos os sexos e, geralmente vêm de famílias desestruturadas e com pouco relacionamento afetivo. Alguns podem apresentar um poder de liderança obtido ou legitimado por meio da força física ou de um intenso assédio psicológico (Silva, 2010).

Os espectadores são aqueles que assistem à cena, mas não participam ativamente da situação. Os tipos de espectadores são os passivos, os ativos e os neutros. Os passivos são aqueles que silenciam o que viram por medo de se tornarem alvos do agressor (Camargo, 2010). Os ativos são os que não participam dos ataques contra as vítimas, mas dão apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. E os neutros são aqueles que não expressam qualquer sensibilidade às situações de *bullying* que presenciam, quase que naturalizando essas situações (Silva, 2015).

Considerando as atuações dos espectadores, concorda-se com Assmann (2000) quando afirma a solidariedade humana não é tão natural, e que precisa ser estimulada e encorajada por meio da educação.

As vítimas podem ser de três tipos: típica, provocadora e a agressora. A vítima típica é aquela que apresenta habilidades sociais limitadas, geralmente sendo reservada ou tímida, incapaz de responder efetivamente a

comportamentos provocativos e agressivos direcionados a ela. Podem ser um alvo, pessoas que tenham qualquer característica que fogem dos padrões impostos pela sociedade, como: aparência física frágil, excesso ou baixo peso, baixos ou altos demais, presença de sardas ou manchas na pele, uso de acessório como óculos, etnia diferente, religião, condição socioeconômica ou orientação sexual. A vítima provocadora é aquela que provoca e atrai reações agressivas, mas não consegue lidar com eficientemente com essas situações. Geralmente, discute ou briga quando é atacada ou insultada. A vítima agressora é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, buscando outra vítima mais frágil e vulnerável como meio de descontar as agressões sofridas (Silva, 2010).

As consequências das vítimas do *bullying* podem ser psicológicas e físicas. As psicológicas são: ansiedade, estresse e experimentam fortes sensações de medo, principalmente quando na presença de algum dos seus agressores. As consequências físicas são: doenças psicossomáticas, automutilação, depressão, suicídio (Silva, 2010). Além disso, podem ocorrer absentismo e evasão escolar (Lopes, 2005). Também podem ser observados sinais como diminuição do rendimento acadêmico, baixa autoestima, hematomas, arranhões, cortes, roupas danificadas ou rasgadas (Silva, 2010).

Pelo apresentado, não parece ser difícil identificar o *bullying*, pois há vários sinais e sintomas que podem levar a essa conclusão. Por outro lado, as práticas podem ser sutis, ao ponto de o indivíduo não conseguir discernir a situação, ficando com dúvidas. Por isso, é importante que haja mais esclarecimentos. Acredita-se que quanto mais frequentes os debates, maiores as chances de pessoas esclarecidas e conscientes de seu papel no combate a esta prática.

2.2 O *Bullying* perante as Leis Brasileiras

Desde 2015 que no Brasil foi aprovado pelo senado o projeto que originou a Lei 13.185/15, mais conhecida como “Lei do *Bullying*”. Nessa norma foi criado o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, que obriga a produção e publicação de relatórios bimestrais das ocorrências de *bullying* nos estados e municípios para planejamento de ações (Senado Federal, 2017).

A Lei contém oito importantes artigos, dentre os quais o art. 1º par. 1, que traz em sua redação uma breve e clara conceituação do *bullying*:

Art. 1º § 1º- No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Segundo Lopes Neto (2005, p. 165), existem:

[...] três documentos legais que formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: A Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para a cidadania.

Observa-se que há uma preocupação com crianças e adolescentes, mas jovens adultos não são mencionados. É como se após a adolescência esse tipo de violência não fosse mais existir. Sabe-se que crianças e adolescentes são vulneráveis e precisam de proteção de adultos responsáveis e da garantia da lei acerca de seu pleno desenvolvimento. Então as leis são muito voltadas para esse público infante juvenil. Tem-se a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas para garantir os direitos.

Considerando a importância da prevenção do *bullying* nas escolas, em 2018 entrou em vigor a Lei 13.663/2018, que inclui entre as atribuições das escolas: a promoção da cultura da paz e medidas de conscientização, prevenção e combate a diversos tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*).

Nota-se mais uma vez o direcionamento para o combate ao *bullying* nas escolas, restando ao contexto universitário criar os próprios programas de combate ao *bullying* para que esse tipo de violência perca a sua força. É necessário um movimento voltado para a recuperação dos valores essenciais da vida humana e para a não legitimação desta prática (Rocha, Costa, Passos Neto,

2013). Acredita-se que, somente com a ação coletiva de boa parte da comunidade acadêmica, tais ações poderão ser bem-sucedidas.

2.3 *Bullying* no ensino superior

Atos de *bullying* no ensino superior existem há muito tempo. Os trotes universitários, enquanto práticas receptivas aos novatos, já retrataram situações de grande violência.

No Brasil, os primeiros trotes violentos aconteceram no século XIX: em 1831, quando um estudante foi morto a golpes de bengala na Universidade de Recife; e em 1850, quando alunos reagiram ao trote e foi necessária a intervenção da polícia para controlar a situação, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (Rocha, Costa, Passos Neto, 2013).

Em 2010, um episódio ocorrido durante os jogos universitários da Universidade Estadual Paulista, chamado “InterUnesp” é um exemplo da lamentável situação a que são submetidas as vítimas:

Estudantes organizaram uma “competição” chamada “Rodeio das Gordas”, em que o objetivo era “montar” sobre as alunas, de preferências obesas, e permanecer o maior tempo possível, assim como nos rodeios. O “Rodeio das Gordas”, que contava com cerca de 50 participantes, aconteceu da seguinte forma: o rapaz se aproximava da garota, para “paquerar”. Em seguida, agarrava a vítima e “montava” em cima dela, enquanto outros cronometravam para saber quem ficava mais tempo. O episódio aconteceu em Araraquara (SP), entre os dias 10 e 13 de outubro de 2010, em que mais de 15 mil pessoas participam de jogos, festas e eventos culturais. Até uma comunidade foi criada no Orkut para que os garotos contassem seus feitos (Garcia; Vecchiatti; Marta, 2013, p. 270).

Algumas IES possuem dados epidemiológicos sobre *bullying*. No estudo de Mascarenhas *et al* (2011, p. 943), 56,8% dos alunos sofriam *bullying* por meio de injúrias e/ou apelidos difamatórios, dos quais 45,1% eram na forma de *cyberbullying* por meio de redes sociais, e-mail e celular.

Comparando as taxas de violência verbal e física, Trujillo e Romero-Acosta (2016) observaram que a maior prevalência de agressão verbal na universidade se deve ao fato de que os estudantes tendem a ser jovens, que não são tão impulsivos em termos de falta de controle físico. Também relatam que,

o *bullying* verbal é frequentemente usado pelos estudantes como resultado de raiva motivada por apelidos, insultos e xingamentos.

Borges (2017) realizou um estudo para verificar a existência de vítimas de *bullying* em estudantes universitários em diferentes cursos. Observou que a maioria das vítimas eram solteiros, de raça/cor/etnia branca e a faixa etária mais jovem, e as formas de *bullying* praticadas eram mais sutis que as relatadas em escolas. A prevalência de *bullying* foi no curso de Educação Física, seguido pelos cursos de Psicologia, Computação, Nutrição e Pedagogia. A autora discute que a prevalência no curso de Educação Física está relacionada com a questão do biotipo e falta de habilidades motoras.

Outro estudo realizado em uma universidade da região amazônica evidenciou alguns resultados interessantes: pessoas do sexo masculino vitimizam mais pessoas do sexo feminino que o contrário; o racismo leva à prática do *bullying*; as manifestações de *bullying* são mais evidentes nos corredores e salas de aula, ocorrendo, inclusive, com a presença de professores, que são omissos aos acontecimentos. Também foram evidenciados que próprios professores praticam o *bullying* dentro e fora da sala de aula, nas formas de ameaças e humilhação. Os estudantes que são alvos do *bullying* de professores se sentem como em uma armadilha, pois o professor, por ocupar uma posição hierárquica superior, impede os alunos de reagirem ou de denunciarem por medo de retaliação, inclusive na atribuição de notas (Miranda *et al.*, 2012).

De acordo com Lima (2008), os fatores que levam ao *bullying* nas universidades são: racismo, baixo nível socioeconômico, diversidade de áreas do conhecimento e a intimidação dos professores que levam ao desprezo e à arrogância. Ela destaca que a intimidação do *bullying* sofrida por qualquer pessoa no ambiente universitário é tão prejudicial quanto as que ocorrem com as crianças na escola.

Garcia, Vecchiatti e Marta (2013) consideram que é uma utopia acreditar que estudantes universitários apresentam maior capacidade de defesa em relação ao *bullying*. Muito pelo contrário, o que tem sido observado é, por causa dos abusos sofridos por parte de colegas e também por professores, vítimas de *bullying* acabam agredindo e até matando por não suportarem mais as humilhações. Como exemplo, há o caso (internacional) de um estudante sul-

coreano, do último ano do curso de Letras, que aos 23 anos de idade invadiu o prédio da Faculdade de Engenharia da Universidade Virgínia Tech e praticou atos de grande violência, e o do estudante; e de um estudante nos EUA, que matou 32 pessoas e feriu 29, entre alunos e professores, cometendo suicídio em seguida (Rocha, Costa, Passos Neto, 2013). Ambos os casos foram registrados em 2007.

As pesquisas relatadas evidenciam que estudantes universitários não estão livres do *bullying* que podem ser praticados por colegas e professores. Não se sabe a dimensão com que esse problema afeta cada indivíduo, pois um estudante vítima de *bullying* na universidade pode já ter sofrido com isso nos níveis de ensino anteriores (Fundamental e Médio).

O que chama atenção é que, no contexto acadêmico, supostamente, há indivíduos mais atentos a saberes, opiniões e lutas pela melhoria de aulas e que deveriam ter mais consciência do resultado desta prática competitiva e hostil na vida dos seres humanos. Contudo, o *bullying* no ensino superior parece ser negligenciado, percebido como algo natural ou inexistente (Lima, 2008).

É preciso conhecer os limites entre brincadeiras e *bullying* para sensibilizar a comunidade acadêmica sobre isso e assim reduzir a ocorrência desse ato de violência. O *bullying* pode levar o estudante, de qualquer nível, a bloqueios na sua produção intelectual e causar danos a sua autoimagem e auto-imagem (Rocha, Costa, Passos Neto, 2013). Por isso, devem ser assegurados o resgate à autoestima e à identidade social desse estudante (Wozencroft, 2015).

As universidades devem adotar medidas e políticas *antibullying* (Valladão *et al.*, 2020), que levem em consideração, principalmente, as variáveis de gênero, orientação sexual, condições socioeconômicas, raça e deficiência, por serem os motivos mais prováveis para o *bullying* (Gadelha, 2019).

Para Wozencroft (2015), as IES devem orientar seus estudantes a pedir ajuda por meio de um canal amplamente divulgado. Os responsáveis pela administração dos casos precisam estar bem preparados para melhor resolução dos casos, sendo de responsabilidade da IES a proteção do estudante, bem como promoção de um ambiente físico e virtual seguro.

O professor tem um papel muito importante diante aos casos de *bullying* na sala de aula, sendo também responsável por esse fenômeno social. De acordo com Pavan (2007), as ações do professor podem ou não ocasionar situações propícias a essa prática:

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador (Pavan, 2007 p. 45).

De acordo com a autora, o professor é responsável por tudo o que acontece em sua presença. Fora da sala de aula, o professor também tem autonomia de repreender e intervir em situações de *bullying*, ele não se torna tão responsável quanto em sala de aula, mas ao presenciar esses casos, precisa tomar alguma atitude enquanto professor.

Segundo Fante (2005), em situações de violência é necessária uma intervenção direta. Mudar a cultura perversa de humilhação e perseguição no ambiente de aprendizagem está ao alcance de qualquer profissional envolvido com a educação. A complexidade do assunto obriga o professor a buscar informações em todos os aspectos, a fim de esclarecer o assunto para os alunos. O trabalho em torno desse tema deve ser realizado por toda a equipe docente e para isso a interdisciplinaridade é uma forte aliada no processo de sensibilização dos alunos.

A partir das questões levantadas, foi escolhido como público-alvo desta pesquisa, docentes do ensino superior. Considera-se que o docente é um importante agente na mudança de mentalidade da comunidade estudantil. Todavia, para que isso aconteça, é necessário que, antes de qualquer coisa, o docente perceba as situações de intimidação e humilhação como *bullying* e não como brincadeiras sem importância. São os docentes que ficam mais próximos aos estudantes, em comparação à equipe técnica-administrativa, e precisam estar preparados para lidar adequadamente com as situações.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Conhecer a percepção sobre *bullying* de professores de uma instituição pública de ensino superior multi *campi*.

3.2 Objetivos Específicos

- Constatar se a prática de *bullying* ocorre na instituição pesquisada;
- Averiguar os principais tipos de *bullying* praticados por estudantes e docentes;
- Identificar como os docentes entendem o seu papel em situações de *bullying*;
- Verificar os principais desafios para o enfrentamento ao *bullying*;
- Descrever as estratégias de enfrentamento realizadas no *campus* em que atuam.

4 METODOLOGIA

4.1 Delineamento

Esta é uma pesquisa de natureza básica estratégica, pois é voltada para a produção de um conhecimento útil e que pode ser utilizado em estudos práticos (Gil, 2010). Teve o enfoque descritivo, no qual se buscou esclarecer ao máximo o assunto abordado, a partir de uma revisão teórica envolvendo o objeto de estudo, para análises e comparações (Gil, 2010). E com abordagem de análise de dados quanti-qualitativa, na qual foram apresentados e interpretados os dados quantitativos em termos percentuais e os dados qualitativos por meio da interpretação do pesquisador acerca das respostas dos sujeitos (Knechtel, 2014). A técnica de análise qualitativa utilizada foi a Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

4.2 Participantes

A amostra foi composta por conveniência, sendo do tipo não-probabilística e respeitando o caráter voluntário e disponibilidade dos convidados a participarem do estudo.

Ao todo, participaram da pesquisa 34 professores do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Desse total, 25 são do sexo masculino (73,5%) e nove do sexo feminino (26,5%). Quanto à idade, dez (29,4%) professores se encontram numa faixa etária que vai dos 30 a 39 anos de idade; 13 (38,2%) na faixa dos 40 a 49; oito (23,5%) na faixa de 50 a 59; e três (8,8%) com mais de 60 anos.

A área de graduação dos participantes também foi consultada: 18 (52,9%) são de Ciências Exatas e da Terra, oito (9,5%) são graduados em Engenharia, três (8,8%) em Ciências Sociais Aplicadas, três (8,8%) em Ciências Humanas e dois (5,9%) em Linguística, Letras e Artes. E no que se refere à sua maior titulação, 19 (59,9%) têm mestrado, 11 (32,4%) têm doutorado, três (8,8%) têm pós-doutorado e um (2,9%) têm especialização.

Também foi perguntado o seu tempo de docência no ensino superior e 20 (58,8%) responderam mais de dez anos, sete (20,6%) de um a cinco anos, seis (17,6%) de cinco a dez anos e um (2,9%) menos de um ano. E todos os participantes trabalham na área da Região Metropolitana Sul (RMS), que

compreende os *campi* Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes e Recife.

4.3 Procedimento

O procedimento da coleta de dados seguiu o contexto de pesquisa online, sendo realizado através de um serviço gratuito de formulários (*Google Forms*). Os participantes foram convidados a participar, por e-mail. Com base na leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), documento importante para a análise ética de um projeto de pesquisa, foi garantido aos participantes da pesquisa seus direitos, conforme as recomendações das Resoluções de nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes foram informados sobre o objetivo geral do estudo, garantido o anonimato e assegurado o direito de não participar da pesquisa ou de desistir de sua participação a qualquer momento. Foi garantido aos participantes que os dados da pesquisa seriam divulgados, exclusivamente, em eventos científicos.

4.4 Instrumentos

O questionário teve carácter individual e de autoaplicação, sendo gasto um tempo de aproximadamente 20 minutos para a conclusão completa das respostas.

Foi utilizado um questionário on-line composto por duas partes: (1) com os dados sociodemográficos dos participantes que contou com seis perguntas, sendo cinco fechadas e uma aberta e (2) sobre o *bullying* no contexto acadêmico que contou com 22 perguntas, sendo 18 fechadas e quatro abertas. As perguntas fechadas localizadas na segunda parte do questionário continham duas alternativas (sim e não). As perguntas deste trabalho serão encontradas no Apêndice B. Todas as questões foram adaptadas de Alpes (2018).

5 RESULTADOS E ANÁLISE

Os dados numéricos foram organizados em tabelas e as respostas às questões abertas foram categorizadas com base técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Os agrupamentos foram realizados de acordo com a temática, ou seja, a partir da identificação dos núcleos de sentido de cada comunicação.

Para facilitar a compreensão, foram organizados blocos de análise: i) tipos de *bullying* praticados por estudantes; ii) tipos de *bullying* praticados por docentes; iii) Papel docente em situações de *bullying*; iv) Estratégias de enfrentamento ao *bullying* no *campus* de atuação; v) Sugestões de ações para o enfrentamento ao *bullying*.

Na literatura, quando as humilhações acontecem entre pessoas de diferentes hierarquias, recebe o nome de assédio moral (Hirygoyen, 2012). Neste estudo, porém, está sendo adotado o termo *bullying* para esta situação também, isto é, quando o *bullying* é praticado por um professor em relação a um estudante.

Para preservar o anonimato dos participantes, todos estão identificados pela letra 'P' de 'professor' seguido da numeração que receberam, conforme ordem do envio do questionário (P₁, P₂, P₃, (...), P₃₄).

5.1 Tipos de *bullying* praticados por estudantes

Inicialmente os professores foram questionados se já tinha presenciado casos de *bullying* praticado por estudantes na instituição em que atuam. Algumas dessas perguntas foram voltadas ao *bullying* verbal. Na Tabela 1 é apresentado o percentual das opções assinaladas.

Como pode ser observado, o xingamento é o tipo de *bullying* verbal, praticado por estudantes, mais presenciado pelos professores (70,6%), seguido pelo recebimento de apelido pejorativo por estar acima do peso (67,6%). Também merece destaque a prática de insultos por ser afeminado ou masculinizado (55,9%).

Tabela 1 – *Bullying* verbal praticado contra estudante

Perguntas	Sim	Não
1 - Presenciei alunos xingarem outros.	70,6%	29,4%
5 - Presenciei um/uma estudante receber um apelido pejorativo devido ao racismo.	41,2%	58,8%
7 - Presenciei um/uma estudante receber um apelido pejorativo por sua timidez.	47,1%	52,9%
10 - Presenciei um/a estudante ser insultado/a por seu modo de se vestir.	41,2%	58,8%
11 - Presenciei um/a estudante receber um apelido pejorativo por estar acima do peso.	67,6%	32,4%
14 - Presenciei um/a estudante ser insultado/a por ser afeminado ou masculinizado.	55,9%	44,1%

Fonte: O Autor (2023)

Nota: Destaques em negrito para as maiores frequências.

Segundo Trujillo e Romero-Acosta (2016), xingamento, apelidos pejorativos e insultos são as formas de *bullying* verbal mais frequentes no ambiente universitário. Os resultados desta pesquisa corroboram com o relatado, mostrando que é, de fato, uma prática comum.

A Tabela 2 apresenta o resultado da pergunta sobre *bullying* material e físico.

Tabela 2 – *Bullying* material e físico praticado entre estudantes

Perguntas	Sim	Não
2 - Presenciei situações de violência física praticada por um/a estudante contra outro/a.	20,6%	79,4%

Fonte: O Autor (2023).

Nota: Destaque em negrito para a maior frequência.

Observa-se que apenas 20,6% dos professores responderam que terem presenciado situações de violência material e física praticada entre os estudantes. É possível que esse tipo de *bullying* no ambiente universitário seja pouco visto pelos docentes, pelo fato de os estudantes já estarem na juventude, podendo controlar atos impulsivos de agressão física (Trujillo; Romero-Acosta, 2016).

Também foram realizadas perguntas relacionadas ao *bullying* psicológico e moral. Os resultados podem ser vistos na Tabela 3.

Tabela 3 – Bullying psicológico e moral praticado contra estudante

Perguntas	Sim	Não
3 - Presenciei estudantes espalhando fofocas sobre outros estudantes.	76,5%	23,5%
4 - Presenciei um/uma estudante ser exposto/a por estudantes por seu desempenho acadêmico insatisfatório.	63,5%	36,5%
6 - Presenciei brincadeiras ofensivas com um/uma estudante devido à sua orientação sexual.	58,8%	41,2%
8 - Presenciei brincadeiras ofensivas com um/uma estudante pelo seu jeito de falar.	64,7%	35,3%
9 - Presenciei brincadeiras ofensivas à um/uma estudante devido à sua classe social.	35,3%	64,7%
13 - Presenciei brincadeiras ofensivas com um/a estudante devido à sua origem étnica/cor de pele.	29,4%	70,6%

Fonte: O Autor (2023).

Nota: Destaques em negrito para as maiores frequências.

Observa-se que 76,5% dos docentes afirmam que já presenciaram estudantes espalhar fofocas sobre outros estudantes; 64,7% presenciaram brincadeiras ofensivas com um estudante pelo seu jeito de falar; 63,5% presenciaram estudantes serem expostos por seu desempenho acadêmico insatisfatório; 58,8% presenciaram brincadeiras ofensivas com um estudante devido à sua orientação sexual. Brincadeiras ofensivas devido à classe social e devido à sua origem étnica/cor de pele foram os menos relatados (35,3% e 29,4%, respectivamente).

De acordo com Gadelha (2019), as ações que levam ao *bullying* no ambiente universitário são de orientação sexual, raça e classe social. No caso deste estudo, percebe-se que estes não foram os pontos principais. Contudo, *bullying* envolvendo orientação sexual, etnia e classe social continuam acontecendo.

Os professores também responderam sobre o *bullying* virtual (*cyberbullying*). Os resultados estão na Tabela 4.

Tabela 4 – Bullying virtual (cyberbullying) praticado entre estudantes

Perguntas	Sim	Não
12 - Presenciei um/a estudante ser vítima de <i>cyberbullying</i> em redes sociais na internet.	32,4%	67,6%

Fonte: Fonte: O Autor (2023)

Nota: Destaque em negrito para a maior frequência.

De acordo com o relatado pelos professores, esta não é uma prática muito frequente. Interessante destacar que os questionários desta pesquisa foram aplicados ainda no período de ensino remoto, durante a pandemia da Covid-19. Nesse período houve aumento considerável do uso de recursos tecnológicos como canais de comunicação entre professor-estudante e estudante-estudante, com o intuito de diminuir a percepção de distanciamento social (Araújo; Dalmaschio, 2022).

Segundo Silva (2015), os recursos tecnológicos podem se tornar armas nas mãos dos agressores. É imprescindível que todos estejam bem atentos ao uso inadequado desses meios para que o *cyberbullying* possa ser combatido, pois, mesmo não sendo percebido com tanta frequência, o *bullying* virtual existe.

5.2 Tipos de *bullying* praticados por docentes

Os professores também responderam sobre o *bullying* praticado por docentes na instituição em que atuam. Na Tabela 5 estão os resultados.

Tabela 5 – *Bullying* praticado por outro docente

Perguntas	Sim	Não
16 - Presenciei docentes expondo um/uma estudante devido ao seu desempenho acadêmico insatisfatório.	64,7%	35,3%
17 - Presenciei um/uma docente zombar de um/uma estudante.	41,2%	58,8%
18 - Presenciei um/uma docente desencorajar um/uma estudante.	44,1%	55,9%

Fonte: O Autor (2023).

Nota: Destaque em negrito para a maior frequência.

De acordo com as respostas, o *bullying* mais praticado por docentes é a exposição de estudantes devido ao desempenho acadêmico, com 64,7%. Zombar e desencorajar, aparecem com percentuais menores que cinquenta por cento (41,2% e 44,1%, respectivamente).

Apresentar comentários constrangedores ou atitudes que diminuam a integridade física ou mental do estudante é considerado um comportamento abusivo (Brasil, 1996). Todavia, estudantes que são alvos de *bullying* de professores podem não reagir ou denunciá-los por medo de represálias (Silva,

2010) e do poder desses professores na atribuição de notas (Miranda *et al.*, 2012).

Destaca-se que se um docente considera adequado expor, zombar e desencorajar um estudante, sem refletir sobre questões de igualdade e de respeito à pessoa humana, também não perceberá como abusiva a forma com que outros docentes tratam os estudantes, perpetuando esta prática.

Os docentes precisam encarar os diferentes ritmos de aprendizagem como algo natural e incentivar os estudantes a enfrentar os obstáculos de modo construtivo, evitando comportamentos desrespeitosos. Pois, como mencionado por Maturana (1993, apud Gautério; Rodrigues, 2013), a educação consiste em criar um ambiente de convivência desejável para os outros, de modo que possamos fluir juntos em um convívio de uma maneira particular. Observa-se que essa escolha depende menos de políticas e mais de uma opção de cada um. Cabe mencionar também a proposta de Silva (2022), quando enfatiza que no planejamento de aulas (presenciais ou remotas) no ensino superior, os docentes devem considerar tanto objetivos cognitivos quanto afetivos. Isso mostra que o estudante deve ser visto em sua integralidade, porque tudo isso influencia no seu aprendizado. Logo, expor um estudante por causa de seu desempenho insatisfatório não é um ato pedagógico.

5.3 Papel docente em situações de *bullying*

Foi solicitado aos professores que comentassem sobre suas experiências ao presenciarem situações de *bullying* dentro e fora da sala de aula. O objetivo era identificar como percebem seu papel no combate ao *bullying*.

As respostas foram analisadas e classificadas em três categorias conforme as semelhanças de seus significados:

-Ações de intervenção: mencionaram ações realizadas como repreensão e aconselhamento;

-Afetados negativamente: mencionaram emoções e sentimentos desagradáveis;

-Indiferença: comentários gerais sobre as situações, sugerindo que nada fizeram ou sentiram na ocasião.

O quantitativo de respostas em cada categoria está apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 - Reações docentes diante de situações de *bullying* (n=25)

Categoria	Resposta	% (n)
Ações de intervenção	P ₁ : "Sempre busco aconselhar sobre o limite entra a brincadeira e o <i>bullying</i> e repreender a situação em forma de conselho."	32%
	P ₁₉ : "Por não ter sido recente, a atitude foi de observar e levar a coordenação o fato."	(8)
Afetados negativamente	P ₂ : "Impactante e constrangedora."	32%
	P ₉ : "Muito desagradável."	(8)
Indiferença	P ₁₇ : "Infelizmente, é comum esse tipo de situação..."	36%
	P ₂₀ : "As situações presenciais não chamaram minha atenção suficiente para intervir."	(9)

Fonte: O Autor (2023)

Observa-se que 36% dos docentes foram indiferentes aos atos de *bullying* no ambiente universitário, negligenciando as situações, possivelmente porque não se veem como responsáveis para inibir tais atos. Esse é o típico caso dos espectadores neutros mencionado por Silva (2015), que são pessoas que não expressam qualquer sensibilidade às situações de *bullying* que presenciam, tratando-as como naturais. Na perspectiva de Lima (2008), parte dos docentes são indiferentes ao *bullying* em função de sua displicência ou mesmo preguiça em agir. Nesse último caso, sabe o que está acontecendo, mas ignora a situação e não tem iniciativa para mudar o cenário.

Ainda assim, parte dos docentes (32%) declararam que agiram em prol do combate ao *bullying* e igual percentual (32%) mencionaram se sentirem afetados negativamente, mas não relatam qualquer ação de intervenção. É possível que os professores não se sintam preparados para intervir e que orientações precisem ser feitas.

Sobre qual deve ser a atuação docente "dentro e fora" da sala de aula em casos de *bullying*, todos os professores responderam no mesmo sentido:

P₉: Reprimir ao máximo esse tipo de comportamento

P₁₅: Reagir imediatamente. Parar o conteúdo e levantar o tema para discussão em sala de aula. Nunca evitar o conflito

P₁₉: intervir imediatamente.

P₂₄: Deve intervir e comunicar à coordenação

P₂₇: Deve coibir, aconselhar.

P₃₂: Inibir e orientar.

Os docentes concordam que intervenções devem ser realizadas, embora nem sempre reajam, conforme dados da Tabela 6. O docente é o principal responsável por ações quando as situações acontecem em sala de aula, na sua presença (Pavan, 2007). Deve aderir um papel relevante na prevenção e na identificação de atos que possam ser mostrados dentro de sala de aula que podem ser levados ao *bullying*. Tudo de modo educativo para que os estudantes estejam atentos a situações semelhantes fora da sala de aula também.

Porém, se o docente não tiver domínio sobre o fenômeno *bullying*, sua atuação poderá ser limitada. Planejamento sobre como realizar intervenções se faz necessário (Trevisol; Campos, 2016). Por isso, programa de formação continuada é tão importante para os profissionais de educação, professores, coordenadores e gestores.

5.4 Estratégias de enfrentamento ao *bullying* no *campus* de atuação

Buscou-se conhecer as ações de combate ao *bullying* realizadas nos *campi* em que atuam os docentes: 70% dos participantes responderam que não conhece nenhum programa em relação ao combate ao *bullying* na instituição em que trabalha; e 30% afirmaram que conhecem algum programa de combate ao *bullying*.

Com o objetivo de saber a proporção das ações e como elas atingem a comunidade acadêmica, foi pedido que descrevessem as ações que tem conhecimento sobre o tema *bullying*. As respostas foram classificadas em duas categorias:

- **Ações gerais:** quando mencionavam ações como palestras, debates, apresentações teatrais, filmes etc., mas não especificavam a origem dessas ações;
- **Ações de Núcleos Específicos:** quando mencionavam as ações de núcleos como o NEGED (Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade) e NAC (Núcleo de Arte e Cultura) do *campus*.

Na Tabela 7 estão apresentados os percentuais correspondentes a cada categoria.

Tabela 7 – Ações de combate ao *bullying* no *campus* de atuação (n=10)

Categoria	Resposta	% (n)
Ações gerais	P ₃ : “Palestras, apresentações teatrais de combate ao <i>bullying</i> .”	70% (7)
	P ₁₄ : “Exibição de filmes, palestras e rodas de conversa.”	
Ações de núcleos específicos	P ₅ : “Os trabalhos do NEGED, do NAC e de outros núcleos que visam atuar junto às minorias.”	30% (3)
	P ₇ : “Ações do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade - NEGED e do Núcleo de Arte e Cultura (NAC), com ações envolvem desde a formação dos bolsistas dos núcleos, como também apresentações culturais e oficinas, rodas de conversas com a comunidade acadêmica.”	

Fonte: O Autor (2022)

Nota: Destaques em negrito para as maiores frequências.

Apenas 10 (dez) dos 34 (trinta e quatro) docentes participantes mencionaram terem conhecimento de ações no *campus* voltadas para essa temática. Sendo que sete (70%) afirmaram ter conhecimento de palestras e debates sobre combate ao *bullying* e três (30%) relataram a existência de núcleos específicos na instituição que trabalham com isso. É possível que ações institucionais voltadas para minorias, tais como pessoas pretas, LGBTQIA+, surdos, cegos etc., não terem sido consideradas em suas respostas pelo fato de não terem o tema “*bullying*” de modo explícito. Se na pergunta tivessem sido dados exemplos de temas relacionados, o resultado poderia ter sido diferente.

Outro ponto a destacar é que não foi possível saber a frequência com que tais ações são realizadas, nem o quantitativo de pessoas alcançadas. O trabalho de conscientização precisa ser contínuo, pois mudanças de atitudes não são

fáceis. E considerando que muitos dos que sofrem *bullying*, não dizem nem reagem, as ações precisam acontecer, mesmo que não se saiba de casos concretos. O foco deve ser na prevenção também.

É necessário conscientizar toda a comunidade acadêmica e instruí-la sobre como agir diante desses casos. Para isso, é fundamental que o trabalho seja feito de modo consistente e não de maneira isolada.

5.5 Sugestões de ações para o enfrentamento ao *bullying*

As sugestões dos docentes de estratégias de enfrentamento ao *bullying* foram classificadas em quatro categorias:

- Campanhas gerais, sem especificar o público:** sugestões de eventos como palestras, rodas de conversa etc., mas sem mencionar a que público se destina;
- Ações para a comunidade acadêmica:** quando sugeriram ações de formação continuada envolvendo docentes, gestores e estudantes;
- Ações para os estudantes:** quando sugeriram ações específicas para este público como palestras, debates, mesas redondas, campanhas, cartazes...e acompanhamento de casos identificados;
- Outros:** Respostas vagas, que não expressam uma ação propriamente.

Na Tabela 8 estão apresentados os percentuais correspondentes a cada categoria. A maior parte dos docentes fez sugestões de eventos que promovam reflexão sobre o tema, sendo que: as respostas relacionadas à promoção de campanhas gerais foram mencionadas por 38,2%; respostas relacionadas à ações para a comunidade acadêmica foi mencionada por 26,5%; e respostas relacionadas a ações específicas para os estudantes foi mencionada por 23,5% dos participantes. Apenas 11,7% dos professores não sugeriu uma ação de enfrentamento ao *bullying*, tecendo apenas comentários avaliativos acerca da impossibilidade de extinguir o *bullying* ou sobre as causas dessa prática enquanto questão social.

Interessante observar que os docentes não se colocam abertamente como agentes dessa ação. É possível que saibam pouco ou muito pouco sobre como proceder. Reflete-se que o tema merece uma atenção especial nas reuniões pedagógicas, os docentes devem relatar os incidentes ocorridos dentro

e fora da sala de aula e solicitar às instituições formações adequadas para combater o *bullying*.

Tabela 8 – Sugestões de ações para o enfrentamento ao *bullying* (n=34)

Categoria	Resposta	% (n)
Campanhas gerais, sem especificar o público	P ₃₀ : “Promover palestras e discussões sobre o tema.”	38,2%
	P ₂₇ : “Mais campanhas, palestras, cartazes, exposições.”	(13)
	P ₂₉ : “Diálogos, vídeos educativos sobre tema, eventos.”	
Ações para a comunidade acadêmica	P ₈ : “Palestras, filmes e rodas de conversa com gestores, professores, estudantes e palestrantes com experiência sobre o assuntos convidados.”	26,5% (9)
	P ₂₆ : “Muita conversa, debates, palestras e atividades correlatas envolvendo toda a comunidade.”	
Ações para estudantes	P ₁₆ : “Educar e explicar aos alunos a importância do respeito.”	23,5% (8)
	P ₆ : Ações educativas permanentes e exercitar a prática de reflexão nos estudantes no sentido de se colocarem sempre no lugar do outro.	
	P ₂ : Abrir espaços de aconselhamento psicológico breve, tendo em vista que as complexidades emocionais, perceptivas e de história de vida que podem refletir no comportamento dos envolvidos.	
Outras	P ₁₈ : Acho que dificilmente será extinto, é um reflexo da sociedade.	11,7% (4)
	P ₂₂ : Essa postura de <i>bullying</i> depende muito dos princípios morais e valores passados pelo país.	

Fonte: O Autor (2023).

Nota: Destaques em negrito para a maior frequência.

O reconhecimento de que vítimas de *bullying* precisam de acompanhamento psicológico, embora pouco mencionada, é algo fundamental. Sabe-se que a sua produção intelectual pode ser comprometida (Rocha, Costa, Passos Neto, 2013). O trabalho de resgate à autoestima e à identidade social desse estudante (Wozencroft, 2015) deve ser assegurado. Tudo com muito cuidado para evitar estigmas.

Sobre o pensamento de que o *bullying* dificilmente será extinto porque isso depende de uma questão social maior, cabe uma consideração: o espaço educativo pode ter a sua própria cultura *antibullying*, o que irá levar as pessoas que nele transitam a se adequar ao que é esperado.

Contudo, destaca-se que os participantes desta pesquisa parecem predispostos a aprender sobre o tema e a se prepararem para o enfrentamento desse fenômeno.

6 CONSIDERAÇÕES

O presente estudo teve como objetivo compreender o entendimento sobre *bullying* de professores de uma instituição pública de ensino superior, multi *campi*.

Os resultados indicam que o *bullying* é percebido pelos docentes como praticados tanto por um estudante a outro, como por um professor a um estudante. O *bullying* verbal é o mais praticado por estudantes e a exposição de estudantes devido ao seu desempenho acadêmico insatisfatório é o tipo mais praticado por professores. Os estudantes ainda: colocam apelido pejorativo por estar acima do peso, fazem insultos por ser afeminado ou masculinizada, espalham fofocas sobre outros estudantes, fazem brincadeiras ofensivas pelo seu jeito de falar e devido à sua orientação sexual.

Também merece destaque a indiferença dos docentes diante de casos de *bullying*, pois poucos se sentiram impelidos a intervir; e as raras atividades institucionais realizadas no *campus* em que atuam. Entre as estratégias de enfrentamento sugeridos pelos docentes, destaca-se a necessidade de formação continuada sobre o tema.

Considerando a existência do *bullying* no ambiente universitário é um problema social muito sério, pois agride a integridade do indivíduo fisicamente e psicologicamente, não se pode “fechar os olhos” para um tema tão complexo. De forma alguma o *bullying* pode ser considerado como uma brincadeira, visto afetar toda a vida do indivíduo.

Numa perspectiva mais macro, seria interessante a criação de um comitê de segurança para criar estratégias de combate ao *bullying* e violência em geral nas instituições de ensino superior.

Numa perspectiva mais local, sugere-se a criação de um canal de denúncias de prática de *bullying*. O encorajamento para as denúncias viria com a garantia de sigilo dos dados pessoais. Com esse canal será possível ter uma noção mais próxima do número de ocorrências, tipos e público envolvido.

Além disso, também poderiam estimular os alunos a praticarem atividades extracurriculares, tais como: projetos, oficinas pedagógicas, entre outros que ajude a evitar a prática do *bullying*.

Os docentes precisam receber ações de formação continuada para que saibam intervir nessas situações. Os professores precisam perceber a si mesmos como corresponsáveis da promoção de um ambiente sadio de aprendizagem. Um trabalho de sensibilização pode ser o interessante para que possam identificar e reprimir a prática do *bullying* com mais assertividade.

O meio acadêmico deve ser um ambiente que produz cidadãos éticos, que prezem pela dignidade do próximo, com o objetivo de construir um mundo mais humano, com ideias e subsídios para ajudar a acabar com a violência nas instituições de ensino superior.

Por fim, considerando as limitações deste estudo, como o quantitativo de participantes e a técnica do questionário online, sugere-se que pesquisas futuras deem continuidade à investigação do tema, ampliando o número de participantes e usando a técnica da entrevista. Sugere-se também que sejam pesquisadas a prática de *bullying*/assédio moral entre professores, administrativos e terceirizados.

REFERÊNCIAS

Ahmed, E.; Braithwaite, V. Learning to Manage Shame in School Bullying: Lessons for Restorative Justice Interventions. **Critical Criminology**, v. 20, n. 1, p. 79-97, 2012.

ALMEIDA, Kathanne Lopes; SILVA, Anamaria Cavalcante CAMPOS, Jocileide Sales. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista Pediatra**, v. 9, n. 1, jan-jun. 2008.

ALPES, M. F. **Construção e validação de conteúdo de escala para estudantes de graduação sobre ocorrência de violência interpessoal (“bullying”)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, p. 75, 2018.

ARAÚJO, A.P.G.; DALMASCHIO, G.P. **A importância dos recursos tecnológicos e de comunicação na educação: uma análise no período de pandemia COVID-19**. Trabalho de Conclusão (Especialização em Ensino de Ciências da Natureza) - Instituto Federal do Espírito Santo. Espírito Santo. P. 13, 2022.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, V. L. **Estudo das relações entre bullying e esquemas iniciais desadaptativos em estudantes universitários**. Tese (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. P. 107. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: Disponível em: <http://bit.ly/1mTMIS3>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. Lei 13.185 de 6 de novembro de 2015. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 de novembro de 2015. Acesso em: 09 out 2021.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da]**

República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**, 2017.

CAMARGO, O. **Bullying**.2010 Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 21 jun. 2023.

COSTA, Francisco José; SILVA JÚNIOR, Severino Domingos. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. **PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing**, Opinião e Mídia. 2014. Disponível em: <http://www.revistapmkt.com.br/>. Acesso em: 22 out. 2015.

Donohue, Empirical Analysis and the Fate of Capital Punishment, 11 **Duke Journal of Constitutional Law & Public Policy** ano 51, n. 106, 2016.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed.rev. Campinas, SP: Verus, 2005.

FERNANDES, L. F. M. C. **Bullying e cyberbullying no Ensino Superior**. Trabalho (curso de Licenciatura em Criminologia) - Universidade Fernando Pessoa. Porto. 2021.

GADELHA, Maria do Socorro Vieira; SANTOS, Ranyelson Lucas Matias; FERREIRA, Maria Eduarda do Nascimento; COSTA, Diego Oliveira; ARAÚJO, Maria Luana; ROQUE, Joaquim Iarley Brito. Bullying nas Instituições de Ensino Superior: Revisão Sistemática. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019.

GARCIA, E. M. S.; VECCHIATTI, P. R. L.; MARTA, T. N. Bullying nas instituições de ensino superior. **Revista argumenta**, Jacarezinho, 2013.

GAUTÉRIO, V. L. B.; RODRIGUES, S. C. Os Ambientes de Aprendizagem possibilitando transformações no ensinar e no aprender. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 237, p. 603–618, maio 2013.

GUARESCHI, P. A. **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2010.

GORDON, Sherri. **5 Facts About Bullying in College**. Verywellfamily. 2016. Disponível em: <https://www.verywell.com/facts-about-college-bullying460487>, acesso em: 22 jan. 2023.

HIRIGOYEN, M. F. **Assédio Moral**. A violência perversa no cotidiano. 14.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

KNECHTEL, M. do R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, C. M. **Bullying**: a responsabilidade civil aquiliana dos estabelecimentos de ensino por danos morais no ambiente escolar. 2008. 65 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal da Pediatria**. Rio de Janeiro. 2005.

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MACDONALD, C. D.; Roberts-Pittman, B. Cyberbullying among college students: Prevalence and demographic difference. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v.9, 2003–2009, 2010.

MASCARENHAS, S.A.N.; DA SILVA, I.R.; MACIEL, A.C.; MARTINEZ, J.M.A.; Diagnóstico da ocorrência do bullying/cyberbullying na universidade: uma pesquisa com estudantes da UFAM e da UNIR. *In*: Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 10., 2011, Maringá. 2011. **Anais [...]** Maringá, 2011.

MATEUS, G. A. P., PINGOELLO, I. Ocorrência de *bullying* no ensino superior. **UNINGÁ**. Maringá, Paraná, Brasil. v. 22, n.3, p. 30-36, abr./jun., 2015.

MIRANDA, M. I. F. et al. Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao bullying. **Enfermagem em Foco**, v.3, n.3, p.114-118, 2012.

MONKS, Claire P.; COYNE, Iain. **Bullying in Different Contexts**. New York: Cambridge University Press, 2011.

MONTERO-CARRETERO, C; CERVELLÓ, E. Teaching Styles in Physical Education: A New Approach to Predicting Resilience and Bullying. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, n. 17, v. 76, 2020.

ORTEGA, M. V.; LOZANO, J. J. M.; TRISTANCHO, S. L. Z. Factores asociados al bullying en instituciones de educación superior. **Revista Criminalidad**, Bogotá, v. 58, 2016.

PAVAN, Luciana. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

- QAMAR, K.; KHAN, N. S.; KIANI, M. R. B. Factors associated with stress among medical students. **J Am Coll Health**. v. 65, 2015.
- RÍOS, O. L. H.; MARTÍNEZ, M. L.; MACKENZIE, S. J. V. El maltrato entre iguales por abuso de poder en el contexto universitario: incidencia, manifestaciones y estrategias de solución. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 11, 2011.
- RÍOS, O. L. H.; MARTÍNEZ, M. L.; MACKENZIE, S. J. V. Bullying in the university context: incidence, manifestations and solving strategies. **Univ. Psychol.** Bogotá, Colombia, v. 11, 2012.
- ROCHA, M. O.; COSTA, C. L. N. do A.; PASSOS NETO, I. de F. Bullying e o papel da sociedade. **Cadernos de Graduação: ciências humanas e sociais**, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013.
- SILVA, L. O. da. **O lugar da afetividade no planejamento de aulas remotas de química de professores do ensino médio**. Monografia (Licenciatura em Química) - Instituto Federal de Pernambuco. Ipojuca, 2022. p. 64
- SILVA, A. B. B. **Bullying: Mentas perigosas nas escolas**. São Paulo: Globo, 2015.
- SILVA A. C. B; MORGADO M. A. Bullying no Ensino Superior: Existe? **Revista de Iniciação Científica da FFC**. São Paulo. 2011.
- SILVA, A. B. B. **Bullying**, Cartilha 2010 – Projeto justiça nas escolas. Brasília, Brasil, 2010.
- SWEARER, S. M.; SIEBECKER, A. B.; JOHNSEN-FRERICHS, L. A.; WANG, C. Assessment of bullying/victimization: the problem of comparability across studies and across methodologies. *In*: S. M.; Swearer, S. R. Jimerson; D. L. Espelage; S. R.; Jimerson; S. M.; Swearer, D. L. Espelage (Eds.), **Handbook of bullying in schools: An international perspective**. New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2010. pp. 305-327
- TREVISOL, M. T. C.; CAMPOS, C. A.. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 275–284, maio 2016.
- TRUJILLO, J. J.; ROMERO-ACOSTA, K. Variables que evidencian el bullying en un contexto universitario. **Revista Encuentros**, Universidad Autónoma del Caribe, v. 14, 2016.
- VALLADÃO, R.; FIDELIS, M; CACCAVO, R.; MAIA, T.V.; LIMA, R.M.; TAVARES, S.F. Bullying entre alunos do Ensino Superior: um estudo com graduandos do curso de Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, n. 25, v. 264, 47-61, 2020.

WOZENCROFT, K. *et al.* University students' intentions to report cyberbullying. **Australian Journal Of Educational & Developmental Psychology**, v. 15, 2015.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESOLUÇÃO Nº 466/2012 E Nº 510/2016)

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa "O entendimento de professores do ensino superior sobre bullying no contexto acadêmico". O estudo está sob a responsabilidade do pesquisador Cleyton Roberto da Silva. Contato por e-mail ou celular, respectivamente: crs7@discente.ifpe.edu.br / (81) 99118-6239 (inclusive mensagens via WhatsApp). A pesquisa encontra-se sob a orientação da Prof^a. Dra. Maria Soraia Silva Cruz (e-mail: mariasoraia@ipojuca.ifpe.edu.br).

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é conhecer a percepção sobre bullying de professores de uma instituição pública de ensino superior multi campi.

A sua participação neste estudo será com o propósito de preencher um questionário eletrônico (online), direcionado aos professores que lecionam em uma instituição pública de ensino superior.

Informa-se que a pesquisa envolve RISCOS mínimos à saúde, ao considerar a possibilidade de ocorrer algum desconforto de ordem emocional em relação ao tema abordado durante a realização da coleta de dados. Porém, fica assegurado ao participante, que este pode se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízos, sanções ou constrangimentos. Salienta-se que o participante tem o direito de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa, informações que já tenham sido dadas.

A pesquisa também envolve benefícios diretos e indiretos. Sobre os BENEFÍCIOS DIRETOS, destaca-se que o participante poderá ampliar seus conhecimentos acerca da temática do bullying no contexto acadêmico. Além disso, haverá debate dos pressupostos e resultados da pesquisa com estudantes de graduação, professores e gestores de instituições acadêmicas por meio de palestras sobre, por exemplo, o papel do professor em relação ao bullying dentro e fora da sala de aula. Como forma de retribuição à sua colaboração, caso deseje, você receberá os resultados correspondentes à análise do conjunto de dados, com um texto explicativo sobre o assunto e sobre como interpretá-los.

Sobre os BENEFÍCIOS INDIRETOS, destacam-se: a abertura de espaços para a discussão acerca do bullying no ensino superior; ampliação da compreensão das consequências e características que envolvem atos de bullying no contexto acadêmico; a contribuição em publicações científicas sobre a temática abordada;

sugestões para ampliação da área de pesquisa no país direcionadas aos impactos que o bullying provoca nas vidas dos estudantes de graduação.

O tempo estimado será de aproximadamente 20 minutos. Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários nem a identificação do campo de estudo (ou seja, da instituição), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de questionário online estarão à sua disposição ao longo do estudo. As informações coletadas serão armazenadas em pastas no Google Drive, sob a responsabilidade dos pesquisadores pelo período mínimo de cinco anos.

Vale salientar que você tem o direito de não aceitar participar ou retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou penalização. Também vale destacar que nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, devido a aceitação ser voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Por meio do link https://docs.google.com/document/d/1j68tUHUHWUZMXD_TRrhAIG260vHI5y1s/edit?usp=sharing&oid=114875828152607948578&rtpof=true&sd=true, no Google Drive, o TCLE assinado pelo pesquisador ficará acessível na via dos participantes da pesquisa, podendo ser feito o download do arquivo. Além do mais, uma cópia das respostas será enviada ao seu e-mail após conclusão do questionário.

Cleyton Roberto da Silva
(Pesquisador responsável)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)

Ao clicar em “Concordo” na pergunta a seguir, você confirmará a sua anuência em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Após a leitura deste documento e depois de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado(a), ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Apêndice B

QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

Parte 1 – Caracterização dos participantes

1. Por favor, assinale o seu sexo biológico (de nascimento) ou, se preferir, o gênero com o qual se identifica:

- Masculino
- Feminino
- Outro

2. Qual a sua idade?

- Menos de 25 anos
- Entre 25 e 29 anos
- Entre 30 e 39 anos
- Entre 40 e 49 anos
- Entre 50 e 59 anos
- Mais de 60 anos

3. Por favor, assinale a área de sua graduação:

- Ciências Exatas e da Terra
- Ciências Biológicas
- Engenharias
- Ciências da Saúde
- Ciências Agrárias
- Ciências Sociais Aplicadas
- Ciências Humanas
- Lingüística, Letras e Artes

4. Qual a sua maior titulação?

- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

5. Qual o seu tempo de docência no ensino superior?

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- Mais de 10 anos

6. Em qual município está localizada a unidade de ensino superior na qual trabalha o docente?

Parte 2 – Questionário: *Bullying* no contexto acadêmico

1. Presenciei alunos xingarem outros.
 Sim
 Não
2. Presenciei situações de violência física praticada por um/a estudante contra outro/a.
 Sim
 Não
3. Presenciei estudantes espalhando fofocas sobre outros estudantes.
 Sim
 Não
4. Presenciei um/a estudante ser exposto/a por outro/a estudante por seu desempenho acadêmico insatisfatório.
 Sim
 Não
5. Presenciei um/a estudante receber apelido pejorativo devido ao racismo.
 Sim
 Não
6. Presenciei brincadeiras ofensivas com um/a estudante à sua orientação sexual.
 Sim
 Não
7. Presenciei um/a estudante receber um apelido pejorativo por sua timidez.
 Sim
 Não
8. Presenciei brincadeiras ofensivas com um/a estudante pelo seu jeito de falar.
 Sim
 Não
9. Presenciei brincadeiras ofensivas à um/a estudante devido à sua classe social.
 Sim
 Não
10. Presenciei um/a estudante ser insultado/a por seu modo de se vestir.
 Sim
 Não
11. Presenciei um/a estudante receber um apelido pejorativo por estar acima do peso.
 Sim
 Não
12. Presenciei um/a estudante ser vítima de cyberbullying em redes sociais na internet.
 Sim
 Não
13. Presenciei brincadeiras ofensivas com um/a estudante devido à sua origem étnica/cor de pele.
 Sim
 Não
14. Presenciei um/a estudante ser insultado/a por seu afeminado ou masculinizada.

- Sim
 Não
15. Presenciei docentes expondo um/a estudante devido ao seu desempenho acadêmico insatisfatório.
 Sim
 Não
16. Presenciei um/a docente zombar de um/a estudante.
 Sim
 Não
17. Presenciei um/a docente desencorajar um/a estudante.
 Sim
 Não
18. Se tiver presenciado qualquer uma das situações acima, comente como foi para você essa experiência.
19. Na sua opinião, como o docente deve agir ao presenciar situações de bullying DENTRE e FORA da sala de aula?
20. Você conhece algum programa de combate ao bullying realizado na instituição de ensino em que trabalha?
 Sim
 Não
21. Se a resposta à questão 20 tiver sido afirmativa, comente que ações já foram realizadas. Se tiver respondido “NÃO”, escreva ‘Não se aplica’.
22. O que você acredita que pode ser feito para extinguir a prática do bullying no contexto acadêmico?